

O MAL COMO EFEITO SECUNDÁRIO NECESSÁRIO DA CRIAÇÃO DA HUMANIDADE

Millard J. Erickson. *Introdução à Teologia Sistemática*. Editora Vida Nova, p.186-187, 189.

Há coisas que Deus não pode fazer. Deus não pode ser cruel, pois a crueldade é contrária à sua natureza. Ele não pode mentir. Ele não pode quebrar suas promessas. Há algumas outras coisas que Deus não pode fazer sem algumas consequências inevitáveis. Por exemplo, Deus não pode fazer um círculo, um verdadeiro círculo, sem que todos os pontos da circunferência sejam equidistantes do centro. De modo semelhante, Deus não pode fazer um homem sem certas características que lhe são próprias.

Os homens não seriam humanos se não possuíssem livre arbítrio. Quer os homens sejam livres no sentido assumido pelos arminianos, quer sejam livres em um sentido que não seja incoerente com a ideia de que Deus determinou o que irá acontecer, o fato de que Deus fez os homens segundo o seu propósito significa que temos certas capacidades (e.g. as capacidades de desejar e de agir) que não poderíamos exercer plenamente caso não houvesse algo como o mal. Se Deus tivesse evitado o mal, teria de nos fazer diferentes do que somos. Para sermos realmente humanos, precisamos ter a capacidade de desejar e fazer coisas das quais algumas não serão as que Deus deseja que tenhamos ou façamos. O mal, portanto, era um complemento necessário do bom plano de Deus para nos fazer plenamente humanos.

Outra dimensão desse tema é que para Deus fazer o mundo material tal como é, exigem-se certos elementos concomitantes. Aparentemente, para que os humanos tivessem uma escolha moral genuína, com a possibilidade de uma punição genuína para a desobediência, era preciso que fossem passíveis de morte. Além disso, a manutenção da vida exigia condições que poderiam levar, alternativamente, à morte. Assim, por exemplo, precisamos de água para viver. Mas a mesma água que bebemos pode, em outras circunstâncias, entrar em nossos pulmões, cortando nosso suprimento de oxigênio e deixando-nos, desse modo, sufocados. A água que é necessária para manter a vida também pode cortá-la.

Embora uma solução completa do problema do mal esteja além da capacidade humana, o mal pode ser um complemento necessário para o plano de Deus para nos fazer plenamente humanos ou o meio para um bem maior.

Neste ponto alguém pode levantar a pergunta: "Se Deus não podia criar o mundo sem a possibilidade concomitante do mal, por que ele criou assim mesmo, ou porque ele não criou o mundo sem os homens?". Em certo sentido, não podemos responder essa pergunta porque não somos Deus, mas cabe notar aqui que Deus escolheu o maior bem. Ele preferiu criar

a não criar, e criar seres humanos a algo inferior. Decidiu criar seres que teriam comunhão com ele e lhe obedeceriam, seres que escolheriam fazer isso, mesmo sob a tentação de agir de outra maneira. Isso, evidentemente, era um bem maior que introduzir a “humanidade” num ambiente totalmente antisséptico, do qual até a possibilidade lógica de desejar algo contrário à vontade de Deus estaria excluída.

(...)

Há uma pergunta importante que deve ser feita: como pode ter surgido o primeiro pecado? Parte da resposta é que os homens devem ter uma opção para serem genuinamente livres. A escolha é obedecer ou desobedecer a Deus. No caso de Adão e Eva, a árvore do conhecimento do bem e do mal simbolizava tal escolha (Gn 2.17). Quando desobedeceram a Deus, o relacionamento que tinham com ele ficou distorcido, e o pecado tornou-se uma realidade. Os homens têm sido grandemente afetados pelo pecado: atitudes, valores e relacionamentos foram mudados. No caso de Adão e Eva, essa mudança refletiu-se em sua nova consciência da nudez, no medo de Deus e na falta de disposição de aceitar a responsabilidade pelo pecado.

Está claro, portanto, que Deus não criou o pecado. Ele apenas providenciou as opções necessárias para que o homem fosse livre, opções que poderiam resultar em pecado. Foram os homens que pecaram, não Deus.